

**Por uma abordagem funcional e multimodal para estudos linguísticos: das funções de Jakobson às metafunções de Halliday, Kress e Van Leeuwen**

*In favor of a functional and multimodal approach to linguistic studies: from Jakobson's functions to Halliday's and Kress and Van Leeuwen's metafunctions*

Cláudia Regina Ponciano Fernandes  
Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, Paraíba, Brasil

Keila Gabryelle Leal Aragão  
Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, Paraíba, Brasil

**Resumo:** Embora diversos estudiosos tenham discorrido sobre funções da linguagem, como Bühler (1934), Morris (1967), Britton (1970), possibilitando pesquisas ancoradas em diversas teorias funcionalistas, neste trabalho, a temática se desenvolve por meio das ideias de Jakobson (1985), Halliday (1989) e Kress e van Leeuwen (2006). Partindo dessa perspectiva, este trabalho tem por objetivo discutir as relações entre funções e metafunções desses estudiosos como possibilidades de embasamento teórico-metodológico em pesquisas, desenvolvendo um diálogo em prol de uma abordagem multimodal para análise de textos. O estudo ancora-se nas funções da linguagem de Jakobson (1985), nas metafunções de Halliday (1989), para textos verbais, e nas metafunções de Kress e van Leeuwen (2006) para textos visuais. Em termos metodológicos, este trabalho constitui-se em ensaio teórico, desenvolvendo-se em torno de uma proposta comparativa entre as referidas funções e metafunções, culminando na defesa de uma abordagem multimodal para análises de textos. Inicialmente, são descritas as possíveis semelhanças e diferenças entre as funções e as metafunções da linguagem estabelecidas por esses estudiosos já citados. Em seguida, argumentos são apresentados em prol de uma abordagem multimodal para estudos linguísticos que relacionem o verbal e o visual. Por último, destacamos como relevante a divulgação dessas abordagens como ferramentas analíticas para textos multimodais e a participação dos estudiosos da linguagem em formações continuadas regulares como meio de ampliação desses conhecimentos.

**Palavras-chave:** Funções da Linguagem; Metafunções; Jakobson; Kress e van Leeuwen

**Abstract:** Although several scholars have discussed language functions, such as Bühler (1934), Morris (1967), Britton (1970), enabling research anchored in several functionalist theories, in this paper, the theme is developed through the ideas of Jakobson (1985), Halliday (1989) and Kress and van Leeuwen



(2006). From this perspective, this paper aims at discussing the relations between functions and metafunctions of these scholars as possibilities of theoretical and methodological basis in researches, developing a dialogue towards a multimodal approach to text analysis. The study is anchored on Jakobson's (1985) functions of language, Halliday's (1989) metafunctions for verbal texts, and Kress and van Leeuwen's (2006) metafunctions for visual texts. In methodological terms, this paper is a theoretical essay, developing around a comparative proposal between the mentioned functions and metafunctions, culminating in the defense of a multimodal approach for text analysis. Thus, initially, the possible similarities and differences between the functions and metafunctions of language established by these scholars are described. Next, arguments are presented for a multimodal approach to linguistic studies that relate the verbal and the visual. Finally, we highlight as relevant the dissemination of these approaches as analytical tools applicable in multimodal texts and the participation of language scholars in regular continuing education as a means of expanding this knowledge.

**Keywords:** Language function; Metafunctions; Jakobson; Kress and van Leeuwen

## **1 Considerações iniciais**

Ao nos depararmos com o termo “funções da linguagem”, devemos primeiramente pensar em qual sentido o vocábulo “função” está sendo empregado, julgando que se trata de algo abstrato e complexo como a linguagem (MARTELOTTA, 2011). Não poderemos, no entanto, responder a essa pergunta, sem considerarmos que a linguagem possui diferentes funções de acordo com o contexto, a situação social dos envolvidos e as distintas abordagens funcionalistas de diversos estudiosos como Bühler (1934), Morris (1967), Britton (1970), Jakobson (1985), Halliday (1989), Kress e van Leeuwen (2006). Neste trabalho, o cerne da discussão se volta para as abordagens desses três últimos.

De acordo com Arnt e Catto (2010), Halliday (1989) apontou Bühler (1934), Morris (1967), Britton (1970) e o próprio Jakobson (1985) como autores que defendem a tese de que a linguagem desempenha diferentes funções. Cada um deles aborda as funções da linguagem a partir de suas áreas de interesse. O alemão Karl Bühler (1934), da psicologia, estabeleceu funções distintas para a linguagem, determinando três finalidades específicas: expressar o pensamento do falante, dirigir-se ao ouvinte e representar o mundo. São respectivamente as funções expressiva, conativa e representativa, orientadas para as três pessoas do discurso envolvidas em um evento comunicativo: o falante (função expressiva), o ouvinte (conativa) e o mundo circundante (representativa). Para Morris

(1967), da área de comportamento animal, as funções da linguagem são classificadas conforme o que se fala, dividindo-as em: fala informativa, fala emotiva, fala exploratória e fala social. A informativa diz respeito à troca cooperativa de informações; a emotiva assemelha-se à função expressiva de Bühler; a exploratória refere-se à função estética da fala; a social é a fala por educação, para iniciar uma conversa. Britton (1970), da área de Educação, tinha como preocupação o desenvolvimento da escrita das crianças, propondo as funções poética, expressiva e transacional. Na sua visão, na função expressiva seria visto o primeiro aspecto a ser considerado na escrita, e como ela se desenvolveria; na função transacional, a ênfase estaria no papel do participante e, na função poética, a ênfase se voltaria para um caráter mais individual da linguagem. Roman Jakobson (1985)<sup>1</sup>, estudioso de áreas como Antropologia, Biologia, Psicologia, Literatura, adotou a classificação de Bühler (1934) e ampliou esse número para seis (discorridas adiante), segundo apontam Arnt e Catto (2010), Casseb-Galvão (2006), Chalhub (1999), Pires (2013), entre outros.

Ainda que nos estudos de Halliday (1989) não se encontrem influências explícitas das funções da linguagem de Jakobson (1985), os trabalhos de Arnt e Catto (2010), já mencionados, como também Martini e Cargnin (2012), apresentam análises comparativas entre os estudos desses autores, apontando aspectos em comum. Tais análises nos instigaram a seguir um percurso semelhante para os estudos da linguagem visual, ancorados em Kress e van Leeuwen (2006), procurando uma possível interseção entre funções e metafunções por um viés multimodal, uma vez que não encontramos artigos anteriores com tal perspectiva em consulta ao *Google Acadêmico*<sup>2</sup>.

Pesquisas que investigam a linguagem sob a perspectiva funcional têm se ampliado nas últimas décadas, ancoradas em diversas teorias funcionalistas. De modo semelhante, pesquisas em multimodalidade têm direcionado a análise de textos a partir de uma gama de modos semióticos responsáveis por efeitos de sentidos. Dentro desse

---

<sup>1</sup> Não identificamos com precisão a data da obra de *Linguagem e Comunicação*. Nossa leitura foi realizada pela versão de 1985, mas encontramos a obra datada a partir de 1960. As datas citadas nas obras de Bühler, Morris e Briton seguem conforme o texto de Arnt e Catto (2010), por isso não constam nas referências.

<sup>2</sup> Na procura por artigos no mecanismo de busca *Google acadêmico*, inserimos as palavras-chave: funções de Jakobson, metafunções de Halliday, metafunções de Kress e van Leeuwen, mas não houve ocorrências de títulos de trabalhos com essas palavras relacionadas. Encontramos duas ocorrências referentes aos trabalhos já citados se inserirmos apenas as palavras-chave: funções de Jakobson e metafunções de Halliday. Disponível em: [https://scholar.google.com/scholar?hl=pt-BR&as\\_sdt=0%2C5&q=fun%C3%A7%C3%B5es+de+Jakobson%2C+metafun%C3%A7%C3%B5es+de+Halliday&btnG](https://scholar.google.com/scholar?hl=pt-BR&as_sdt=0%2C5&q=fun%C3%A7%C3%B5es+de+Jakobson%2C+metafun%C3%A7%C3%B5es+de+Halliday&btnG). Acesso em: 19 mar. 2021.

---

panorama, o objetivo geral deste trabalho é discutir as relações entre as funções Jakobson (1985), as metafunções de Halliday (1989) e as metafunções de Kress e van Leeuwen (2006) como possibilidades de embasamento teórico-metodológico conforme objetivos de cada pesquisa, defendendo uma abordagem multimodal para análises de textos. Tal defesa decorre após nossa compreensão dos diversos modos semióticos orquestrados para construção de sentidos em qualquer texto, intimamente relacionados ao sistema da língua e a seu uso em prol de propósitos comunicativos, de modo que não existe texto monomodal (KRESS; VAN LEEUWEN, 2001; NASCIMENTO; BEZERRA; HEBERLE, 2011). Pretendemos, especificamente: descrever as funções da linguagem estabelecidas por Jakobson (1985), as metafunções de Halliday (1989), para textos verbais, e as metafunções de Kress e van Leeuwen (2006), para textos visuais; estabelecer possíveis semelhanças e diferenças entre elas; e apresentar pontos argumentativos em defesa de uma abordagem multimodal para análise de textos.

Como sinalizado anteriormente, a justificativa deste trabalho recai na correlação entre funções e metafunções por um viés multimodal, enfatizando as metafunções de Kress e van Leeuwen (2006) para estruturas visuais, devido à inexistência de trabalhos anteriores nessa perspectiva, visto que os dois trabalhos citados apontam aspectos em comum entre as funções da linguagem de Jakobson (1985) e as metafunções de Halliday (1989).

Em termos metodológicos, este trabalho constitui-se em ensaio teórico, fruto do trabalho final de uma disciplina da pós-graduação<sup>3</sup>, cujo diálogo se iniciou a partir de leituras, discussões e contribuições de estudos anteriores sobre a temática. Nossa linha argumentativa se desenvolve em torno da exposição de uma análise descritiva e comparativa entre as referidas funções e metafunções, sintetizada em quadros ilustrativos que podem auxiliar como embasamento teórico-metodológico em pesquisas da área, e culmina na defesa em prol de uma abordagem multimodal para análises de textos. Por se tratar de um ensaio, caracterizado pelo viés teórico, sem fins analíticos de um corpus como acontece em artigos, as funções e metafunções não são exemplificadas devido às suas várias categorias, o que excederia o limite de palavras do referido periódico, além de não ser objetivo do trabalho.

---

<sup>3</sup> Disciplina intitulada **Linguística: História, Objetos, Teorias e Métodos** pelo Programa de Pós-graduação em Linguística da Universidade Federal da Paraíba, período 2019.2.

Para organizar a discussão, além destas palavras iniciais, este trabalho se estrutura em quatro seções. A primeira apresenta uma descrição das funções e metafunções da linguagem dos referidos estudiosos. A segunda estabelece as possíveis semelhanças e diferenças entre elas. A terceira expõe argumentos em prol de uma abordagem multimodal para estudos linguísticos. Por último, as considerações finais.

## **2 Descrevendo as funções e metafunções da linguagem**

Esta seção descreve as funções propostas por Jakobson (1985), as metafunções propostas por Halliday (1989) e as metafunções hallidyanas ampliadas por Kress e van Leeuwen (2006), constituindo respectivamente o modelo funcionalista da comunicação, a Gramática Sistêmico-Funcional e a Gramática do Design Visual.

### **2.1 As funções da linguagem: Jakobson (1985)**

Jakobson (1985) apresenta um sistema com seis elementos constitutivos em todo ato de comunicação: *remetente*, *destinatário*, *contexto*, *mensagem*, *contato* e *código*<sup>4</sup>, baseado no modelo tripartite de linguagem, cunhado por Karl Bühler (1934). Esse ato de comunicação acontece da seguinte maneira: o *remetente* envia uma *mensagem* para o *destinatário*, inserida em um *contexto* compreensível por ele, com um *código* comum aos dois, e um *canal* físico que capacite ambos a entrarem e permanecerem envolvidos na comunicação. Cada um desses seis elementos determina uma diferente função da linguagem: o remetente – função emotiva; o destinatário – função conativa; o contexto – função referencial; a mensagem – função poética; o contato – função fática, e o código – função metalinguística. As três primeiras funções preservam relação com as de Bühler. As três últimas foram seu acréscimo. Para expor essas funções, recorreremos ao capítulo Linguística e Poética, em Jakobson (1985), e ao capítulo de Funções da linguagem, em Martelotta (2011). No primeiro, a ênfase é atribuída à função poética; no segundo, a ênfase recai na descrição das seis funções.

A função referencial está relacionada ao “ele”, a alguém ou algo de que se fala, centrada no contexto, objeto ou situação a que a mensagem se refere. É a função que

---

<sup>4</sup> O uso do itálico é para familiarizar o leitor com as nomenclaturas de cada função e metafunção.

transmite uma informação objetiva da realidade, com foco no referente (acontecimentos, fatos, pessoas, animais ou coisas), sendo a função dominante em mensagens. A função emotiva está relacionada ao “eu”, o remetente, promovendo expressão direta da atitude de quem fala em relação àquilo de que está falando, e destacando o emissor, suas emoções e opiniões. A função conativa ou apelativa refere-se ao “tu”, ao destinatário, àquele com quem se fala, buscando convencer, influenciar o receptor ou dar ordens, sendo comum o uso do vocativo, imperativo. A função fática diz respeito ao canal de comunicação utilizado. Ela busca prolongar ou interromper uma comunicação, atrair a atenção do destinatário ou confirmar sua atenção continuada, como também verificar se o canal de comunicação está funcionando. A função metalinguística refere-se ao código, explicado pelo uso do próprio código para falar da linguagem. É o conjunto de signos e de regras de combinação desses signos utilizados para elaborar a mensagem, buscando verificar se o emissor e receptor estão usando o mesmo código, total ou parcialmente comum aos dois. A função poética é orientada para a mensagem propriamente dita, com enfoque da mensagem por ela própria. É a função que se preocupa em “como dizer”, não somente com “o que dizer”. No caso da função poética, percebe-se um cuidado especial na organização das formas das palavras, da sonoridade, do ritmo, realçando a elaboração e caracterizando a criatividade da linguagem, como função dominante da arte verbal.

Jakobson (1985) ressalta que embora ocorra essa classificação em seis funções, é difícil encontrarmos mensagens verbais que preencham uma única função. A diversidade reside não no monopólio de alguma dessas diversas funções, mas numa diferente ordem hierárquica de funções. A estrutura verbal de uma mensagem depende basicamente da função predominante.

A seguir, a descrição das três metafunções de Halliday (1989) e de Kress e van Leeuwen (2006) para posterior comparação entre elas.

## 2.2 As metafunções da linguagem: Halliday (1989)

Segundo Halliday (1989), o termo “função” é visto como sinônimo de uso da língua. Para o autor, as pessoas usam a língua, diferentemente, visando atingir variados propósitos. Em sua Gramática Sistemico-funcional (GSF), o autor propõe uma organização das funções da linguagem por meio de três metafunções que produzem significados

concomitantemente: ideacional, interpessoal e textual. Fuzer e Cabral (2014) compreendem essas metafunções como uma ferramenta teórico-metodológica utilizada em análise de textos verbais para investigar os níveis do contexto situacional, da semântica e das escolhas léxico-gramaticais, descrevendo tais metafunções detalhadamente.

Sobre a metafunção ideacional, Fuzer e Cabral (2014), baseadas tanto em Halliday (1989) quanto em Halliday e Matthiessen (2004), afirmam que ela é utilizada para representar o mundo, construir a experiência humana, identificar a atividade social. Segundo as autoras, nesta metafunção, os aspectos léxico-gramaticais das orações se manifestam a partir do sistema de transitividade que, para a GSF, é a descrição de toda oração, sendo esta constituída por três componentes: *processos*, *participantes* e *circunstâncias*, categorias semânticas que explicam como os fenômenos de nossa experiência de mundo são construídos na estrutura linguística. As autoras descrevem os *processos* como constituintes do centro experiencial da oração, como categorias dos grupos verbais de experiências e atividades humanas realizadas no mundo; descrevem os *participantes* como categorias dos grupos nominais que representam as entidades envolvidas, a saber: pessoas ou coisas, seres animados ou inanimados; e descrevem as *circunstâncias* como grupos adverbiais sinalizadores do modo, tempo, lugar, causa, âmbito em que o processo se desenrola.

Fuzer e Cabral (2014) descrevem três tipos principais de processos nas orações pelos quais o sujeito representa suas experiências: *material*, *mental* e *relacional*, além de processos secundários: *verbal*, *existencial* e *comportamental*. Para elas, o processo *material* refere-se à representação de ações e eventos (como fazer, construir, acontecer); o processo *mental*, à representação de experiências internas (como lembrar, imaginar, gostar); já o processo *relacional* diz respeito à representação das relações (como ser, estar, parecer). Nos processos secundários, temos o *verbal* enquanto representação do dizer (como dizer, responder, afirmar); o *existencial* enquanto representação da existência de um participante (como existir, haver) e o *comportamental* enquanto representação de atividades psicológicas ou fisiológicas do ser (como dormir, bocejar, tossir).

A respeito da metafunção interpessoal, Fuzer e Cabral (2014) asseveram que ela é utilizada para estabelecer relações entre os participantes da interação, indicando relações de poder entre eles e os papéis que assumem, manifestando-se a partir do sistema

de Modo (formas pelas quais os falantes e escritores estruturam orações para interagirem entre si, desempenhando funções de fala e verificando recursos de polaridade e modalidade presentes no sistema linguístico). Na visão das autoras, na GSF existem dois papéis fundamentais da fala no processo de interação: *dar e solicitar*, nesse sentido, o falante/escritor não apenas realiza algo, mas também demanda algo do ouvinte/leitor. Nessa interação, há ainda dois valores que podem ser trocados, como apontam as autoras, *informações ou bens e serviços*. Na troca de informação, a troca é a própria linguagem, e a oração tem a forma de uma *proposição*. Já na troca de bens e serviços, a linguagem é utilizada para influenciar o comportamento de alguém, e a expectativa do falante/escritor é que o ouvinte/leitor realize a ação empregada; nesta troca, a oração não pode ser afirmada ou negada, por isso é chamada de *proposta*. Essas categorias definem as quatro funções primárias da fala: oferta, comando, declaração e pergunta.

No que diz respeito à metafunção textual, Fuzer e Cabral (2014) afirmam que ela é utilizada para construir e organizar a mensagem, estruturando as informações, evidenciando propósitos e discursos, sendo a metafunção responsável pela organização dos significados ideacionais e interpessoais em um todo coerente. Nesse caso, segundo as autoras, isso envolve a organização da mensagem em um texto por meio da *estrutura da informação* e da *estrutura temática*. Na estrutura da informação, verificam-se os componentes que são definidos como *informações dadas* (elemento de conhecimento compartilhado) e *informações novas* (aquilo que é desconhecido pelos interlocutores ou não recuperável a partir do contexto). Na estrutura temática, verificam-se dois componentes denominados: *Tema e Rema*. *Tema* são as informações que se apresentam em posição inicial na oração, é o que o falante escolhe como ponto de partida de seu enunciado. Já o *Rema* é o restante da mensagem, o desenvolvimento das ideias veiculadas pelo Tema.

É válido ressaltar que nenhuma dessas metafunções da linguagem é usada isoladamente, o que acontece, geralmente, é a superposição de várias funções em um mesmo texto. Para que o destinatário possa compreender a mensagem, precisa conhecer um conjunto de informações que vai desde elementos relacionados ao momento de sua produção até dados referentes ao conhecimento do assunto que está sendo tratado. (MARTELOTTA, 2011).



A partir das significações da GSF, Kress e van Leeuwen (2006) estabelecem três metafunções semelhantes para organizar as imagens e outros modos de representação por meio de diferentes recursos semióticos, a Gramática do Design Visual, abordada a seguir.

### 2.3 As metafunções da linguagem: Kress e van Leeuwen (2006)

A Gramática do Design Visual (GDV), baseada na GSF e desenvolvida por Kress e van Leeuwen (2006), é uma ferramenta teórico-metodológica utilizada para análise de estruturas visuais, apresentando três metafunções que se relacionam: representacional, interativa e composicional. Essas metafunções correspondem, respectivamente, às metafunções ideacional, interpessoal e textual da GSF. A seguir, descreveremos essas metafunções do ponto de vista de Kress e van Leeuwen (2006) como também Fernandes e Almeida (2008).

A metafunção representacional é responsável pela relação entre os participantes inseridos em uma imagem, mostrando a que(m) os significados se referem, indicando quando, onde e como. Esta metafunção se realiza por meio de uma estrutura narrativa ou conceitual.

Nas estruturas *narrativas*, os participantes envolvidos se engajam em eventos e ações percebidas pela presença de vetores indicando direcionalidade (indicados por um braço, perna, mão, objeto, dentre outros), realizando o processo de interação entre os participantes internos da imagem. Esses processos são classificados em: *ação*, *reação*, *verbal* e *mental*. No processo narrativo de *ação*, os participantes são identificados como *ator* e *meta*. O *ator* é o participante que realiza a ação da qual parte o vetor e geralmente é o participante mais enfático na imagem, já a *meta* é o participante a quem essa ação se dirige. No processo narrativo de *reação*, os participantes são identificados como *reator* e *fenômeno*. Nesse caso, a ação se dá através do olhar de um participante para alguém ou alguma coisa. O participante que olha é chamado de *reator* e o objeto de seu olhar é chamado *fenômeno*. Nesses dois processos, quando visualizamos a *meta* ou o *fenômeno* estamos diante de estruturas narrativas transacionais, já quando o vetor não é direcionado a ninguém ou a nada, estamos diante de estruturas não transacionais. Há ainda a estrutura bidirecional, quando o processo de *ação* ou *reação* é recíproco, isto é, quando os participantes alternam seus papéis. No processo narrativo *verbal*, caracterizado por balões

de falas (como nas histórias em quadrinhos), os participantes são identificados como *dizente* e *enunciado*. O *dizente* é o participante que fala, do qual parte o vetor. O *enunciado* é o que está dito, localizado dentro do balão. No processo narrativo *mental*, caracterizado por balões em forma de nuvem, os participantes são identificados como *experenciador* e *fenômeno*. O *experenciador* é aquele do qual parte o pensamento, o *fenômeno* é o que é pensado.

Nas estruturas *conceituais*, não há presença de vetores como nos processos anteriores, isto quer dizer que os participantes representados não realizam ações, mas são representados em termos de classe, estrutura ou significado. Nesse caso, as estruturas ocorrem por meio de *processos classificacionais*, *analíticos* ou *simbólicos*. Os *classificacionais* são caracterizados por uma simetria na composição dos participantes identificados como *subordinados* (um grupo com características comuns) e *superordinado* (categoria maior). Os *analíticos* são caracterizados por uma relação entre participantes em uma estrutura que relaciona a parte e o todo. Nessa relação, os participantes são identificados como *portador* e *atributos possessivos*. O *portador* é representado como um todo, já os *atributos possessivos* são vistos como as partes que o compõem. Os *simbólicos* representam os participantes em termos do que significam ou são. Os participantes são identificados como *portador* e *atributos simbólicos* como também *portador* e *atributo sugestivo*. No primeiro caso, os participantes apresentam atributos que se sobressaem quanto ao tamanho, posicionamento, escolhas de cores, iluminação, entre outros critérios. No segundo, o participante se apresenta de forma sugestiva, sendo seu significado simbólico estabelecido por meio de apenas um participante, com identidade intrínseca ao portador. Neste caso, faltam detalhes e geralmente aparece apenas seu contorno ou silhueta.

A metafunção interativa estabelece a relação entre os participantes representados (PR) que aparecem em uma imagem (pessoas, objetos, lugares) e o participante interativo (PI), o leitor/observador que está fora da imagem, isto é, descreve as relações de interação entre eles. Isso ocorre por meio de estratégias de aproximação ou afastamento entre eles, dividindo-se em categorias identificadas como *contato*, *distância social*, *perspectiva* e *modalidade*. O *contato* é a presença ou ausência da direção do olhar do PR em relação ao PI. O contato pode ser de demanda (quando o PR convida PI à interação) e de oferta (quando o PR não olha diretamente para PI, passando a ser objeto daquele que o observa).

A *distância social* refere-se à exposição perto ou longe do PR em relação ao PI e se dá em três planos: fechado (da cabeça aos ombros), médio (até os joelhos) e aberto (todo o corpo). A *perspectiva* refere-se ao ângulo em que o PR na imagem é mostrado. Quando o ângulo é frontal, há um envolvimento do PR com o PI frente a frente; quando o ângulo é oblíquo, o PR apresenta-se de perfil e não podemos perceber a que/quem se dirige seu olhar; quando o ângulo é vertical, o PR é visto de cima para baixo (neste caso, PI exerce poder PR) ou de baixo para cima (PR detém o poder); já quando a câmera retrata o PR no nível do olhar do PI, há uma perspectiva igualitária. A *modalidade* corresponde ao valor de aproximação entre o que é representado e a realidade. Isso ocorre por meio de diversos mecanismos: cor, contextualização, iluminação, profundidade e brilho. Essa subcategoria divide-se em naturalista (proximidade com o real), sensorial (emoções, afetos e sentimentos), científica (métodos científicos como gráficos e diagramas) e abstrata (generalizações e imprecisões).

A metafunção composicional é responsável pela relação dos elementos entre si na imagem, por sua distribuição e organização para formar um todo coerente, ou seja, pela estrutura e formato do texto. É composta pelas categorias: *valor de informação*, *saliência* e *estruturação*. O *valor de informação* diz respeito à localização da informação na composição visual: esquerda/direita (dado/novo); topo/base (ideal/real); centro/margem (principal/subordinada). Os elementos posicionados no lado esquerdo são apresentados como dado, vistos como informações conhecidas pelo leitor, já os elementos inseridos à direita são apresentados como informações novas, provavelmente desconhecidas do leitor ou algo que deva chamar a sua atenção. Os elementos posicionados na parte superior são identificados como informações ideais, enquanto os posicionados na parte inferior são identificados como informações reais, concretas. Os elementos posicionados no centro correspondem ao núcleo da informação, já os elementos posicionados nas margens correspondem às informações de menor valor. A *saliência* refere-se à importância hierárquica de imagens com outras imagens na composição em relação à ênfase que se dá a elas. Isto é, uma ou outra imagem chama mais a atenção do observador e é construída por meio da intensificação ou suavização de cores, brilho, contraste, superposição de elementos, primeiro ou segundo plano, entre outros recursos de mesma natureza. Por fim, a *estruturação* diz respeito à ligação ou não de elementos na composição visual. Nesse caso, quando esses elementos estão interligados, se configuram em uma *estruturação*

*fraca* por estarem relacionados em um fluxo contínuo, que não há sobreposição de qualquer elemento sobre o outro. Já quando há desconexão entre esses elementos, por apresentarem contrastes de cores e formas, se configuram em uma *estruturação forte*.

Percebemos que todas as categorias e subcategorias criadas por Kress e van Leeuwen (2006) indicam, em boa parte delas, potencialidades de observar o texto visual a partir de outra perspectiva que aquela aplicada ao texto verbal, como destacam os autores:

Qualquer modo semiótico deve ter capacidade para formar textos, complexos de signos que se alinham tanto internamente entre si como externamente com o contexto no qual e para o qual foram produzidos. Também aqui a gramática visual disponibiliza uma gama de recursos: diferentes arranjos composicionais para permitir a realização de diferentes significados textuais.<sup>5</sup> (KRESS; VAN LEEUWEN, 2006, p. 43, tradução nossa).

Após a descrição das funções e metafunções, seguiremos com uma análise teórico-comparativa entre elas.

### **3 Análise comparativa entre funções e metafunções**

Citamos os trabalhos das autoras Arnt e Catto (2010) e de Martini e Cargnin (2012) como aqueles que já apresentaram um paralelo entre as funções de Jakobson (1985) e as metafunções de Halliday (1989), mas não recorreram às metafunções de Kress e van Leeuwen (2006). Nesses estudos, a comunicação e o propósito comunicativo são pontos em comum, assim como a busca pelo significado do texto.

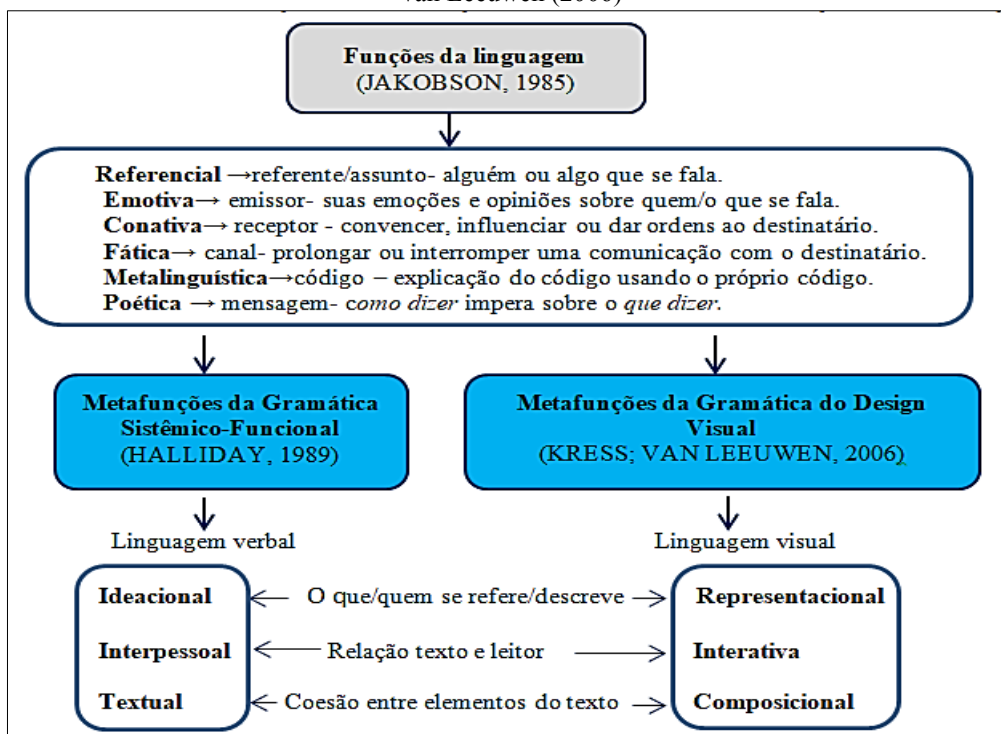
Na nossa análise, primeiramente, apontamos a diferença numérica e a diferença de aplicabilidade para textos verbais e não-verbais. Jakobson (1985) elenca seis funções da linguagem e não faz distinção quanto à sua aplicabilidade para linguagem verbal e visual, embora opte pelo termo ‘semiótica’ utilizado por Charles Peirce (1975), observando que o objeto da semiótica é a comunicação de mensagens, e defende que qualquer comunicação humana de mensagens não-verbais pressupõe um circuito de mensagens verbais, conforme aponta Pires (2013). Já as três metafunções elencadas por

---

<sup>5</sup> Original: Any semiotic mode has to have the capacity to form texts, complexes of signs which cohere both internally with each other and externally with the context in and for which they were produced. Here, too, visual grammar makes a range of resources available: different compositional arrangements to allow the realization of different textual meanings. (KRESS; VAN LEEUWEN, 2006, p. 43)

Halliday (1989) são voltadas para textos verbais e as três metafunções de Kress e van Leeuwen (2006) para textos visuais, ilustradas no Quadro 1. Essas são as principais diferenças observadas.

**Quadro 1** - Diferenças entre as funções de Jakobson (1985) e as metafunções de Halliday (1989), Kress e van Leeuwen (2006)



Fonte: Elaborado pelas autoras.

Apesar das diferenças, é possível apontar algumas semelhanças entre as funções e metafunções. Primeiramente, por elas se realizarem de forma simultânea em todo ato linguístico, mesmo ocorrendo a ênfase em um ou outro elemento da comunicação, o que determina diferentes funções da linguagem. Segundo, pela possibilidade de distribuir os seis elementos constitutivos entre as três metafunções, considerando a relação estabelecida por cada metafunção, como descrito no Quadro 2.

**Quadro 2** - Semelhanças entre as funções de Jakobson (1985) e as metafunções de Halliday (1989), Kress e van Leeuwen (2006)

Elementos constitutivos do ato de comunicação	Funções de Jakobson (1985)	Relação	Metafunções de Halliday (1989)	Metafunções de Kress e van Leeuwen (2006)
Contexto/referente	Referencial	conteúdo, representação da realidade	Ideacional	Representacional O que/quem se refere/descreve
Remetente	Emotiva	atitude sobre o que/quem se fala	Interpessoal	Interativa Relação texto e leitor
Destinatário	Conativa	influência/persuasão do destinatário		
Contato/canal	Fática	prolongar, interromper, testar, atrair a atenção do destinatário		
Código	Metalinguística	linguagem mais compreensível para destinatário; explicação do código (poder)		
Mensagem	Poética	organização, fluxo discursivo, coesão, escolhas para produção da mensagem	Textual	Composicional Coesão entre elementos do texto

Fonte: Elaborado pelas autoras.

As semelhanças justificam-se da seguinte maneira: o contexto/referente, cujo foco é o conteúdo, está ligado à função referencial, ou seja, o que/quem se fala, à representação de mundo da metafunção ideacional/representativa; o remetente, destinatário, canal e código, que trazem como foco central a relação entre remetente e destinatário, podem ser relacionados às relações de interação entre texto e leitor/observador. Retomando as descrições anteriores, na função conativa, o remetente visa influenciar e persuadir o destinatário. Na função fática, o objetivo é prolongar ou interromper a comunicação, verificando a eficiência do canal ou atraindo a atenção do destinatário. Essas três funções podem ser relacionadas à metafunção interpessoal/interativa.

Quanto à função poética e metalinguística, os trabalhos de Arnt e Catto (2010) e de Martini e Cargnin (2012), já citados, apresentam-nas como correspondentes a mais de uma metafunção, sendo a função poética comparável às metafunções textual e ideacional, e a função metalinguística às metafunções textual e interpessoal. No caso da função poética, a organização do fluxo discursivo, a coesão, a continuidade e escolhas semióticas são comparáveis à metafunção textual/composicional devido ao seu caráter organizacional da informação para formar um todo coerente. Inclusive as escolhas semióticas contribuem para esse fluxo discursivo, mesmo sendo para reproduzir uma realidade, o foco está na produção da mensagem. No caso da função metalinguística,

mesmo o remetente oferecendo explicação acerca do código, facilitando a construção coerente do texto no sentido organizacional, o remetente estabelece uma relação de poder com relação ao destinatário, uma vez que o pressupõe como possuidor de menos conhecimento sobre o assunto.

Vimos que Jakobson (1985) apresentou os elementos constitutivos da comunicação relacionando-a não apenas ao interlocutor/destinatário, mas também ao contexto e a outros elementos em que essa comunicação está inserida, conforme o evento comunicativo. A partir dessas comparações estabelecidas, apresentamos alguns pontos a favor de uma abordagem multimodal para análise linguística que considere os seis elementos constitutivos da linguagem.

#### **4 Em prol de uma abordagem multimodal para estudos linguísticos**

Elencamos três argumentos em defesa de uma abordagem multimodal para estudos linguísticos no paradigma funcionalista. O primeiro é que a noção de “funções da linguagem” sinaliza abordagens sistematizadas, a exemplo dos esquemas propostos tanto por Jakobson (1985) quanto por Halliday (1989), ampliado por Kress e van Leeuwen (2006). O segundo argumento é que, ao longo de uma pesquisa, é comum uma única ferramenta teórico-metodológica não contemplar a análise dos dados, levando o pesquisador a buscar uma interface com outras ferramentas, de acordo com seus propósitos investigativos. O terceiro e último argumento é que os textos que permeiam a sociedade contemporânea, nos seus mais diversos contextos, reúnem uma diversidade de recursos semióticos para construir sentidos e estabelecer interações entre texto e leitor, conforme sinalizamos como ideia propulsora do nosso ponto de vista.

Portanto, uma abordagem multimodal baseada tanto nas metafunções de Halliday (1989) para linguagem verbal quanto nas de Kress e van Leeuwen (2006) para linguagem visual é uma ferramenta teórico-metodológica a favor do pesquisador. Nessa abordagem, *remetente, destinatário, contexto, mensagem, contato e código* estão inseridos, conforme ilustrado no Quadro 2. É como uma espécie de atualização sintetizada das funções da linguagem de Jakobson (1985), porém ampliada, de forma que os elementos imagéticos possam ser contemplados em análises linguísticas por meio da GDV.

Dessa forma, considerando a linguagem como um instrumento de interação social, cujo interesse de investigação linguística vai além da estrutura gramatical, buscando na situação comunicativa a motivação para os fatos da língua (CUNHA, 2011), defendemos essa proposta de abordagem multimodal para análise de textos, considerando o contexto social, culturalmente situado, e os diversos modos semióticos que se integram para efetivar propósitos comunicativos.

## **5 Considerações finais**

Este ensaio apresentou uma descrição das funções da linguagem estabelecidas por Jakobson (1985), das metafunções de Halliday (1989), para textos verbais, e das metafunções de Kress e van Leeuwen (2006), para textos visuais, apontando diferenças e semelhanças entre elas. Teceu argumentos em prol de uma abordagem multimodal para estudos linguísticos como possibilidade de investigação que associa a estrutura da língua e os diferentes contextos comunicativos de seu uso, ratificando como a linguagem é usada com um propósito particular a partir de uma multiplicidade de recursos semióticos para cumprir funções diversas.

Nossa contribuição recai exatamente na interseção entre funções e metafunções por um viés multimodal, ancorado nos estudos de Halliday (1989), mas enfatizando Kress e van Leeuwen (2006), já que os trabalhos anteriores que promovem um paralelismo entre funções e metafunções não abordaram essa perspectiva.

Por fim, acreditamos que a divulgação dessas abordagens como ferramentas analíticas aplicáveis em análises de textos, considerando essa interface entre funções e metafunções também na perspectiva multimodal, e a participação dos estudiosos da linguagem em formações continuadas regulares possam ser o ápice para ampliação desses conhecimentos e instigar outros trabalhos na área.

## **Contribuição**

**Cláudia Regina Ponciano Fernandes:** Conceitualização, Investigação, Supervisão, Escrita – rascunho original, Escrita – análise e edição; **Keila Gabryelle Leal Aragão:** Conceitualização, Escrita – rascunho original.



## Referências

- ARNT, J. T.; CATTO, N. R. Entre funções e metafunções: estudo comparativo entre Jakobson e Halliday. *Linguagem. Estudos e Pesquisas*, v. 14, p. 95-109, 2010.
- BRITTON, J. **Language and learning**. Portsmouth, NH: Boynton/Cook, 1970.
- BÜHLER, Karl. **Sprachtheorie: die Darstellungsfunktion der Sprache**. Stuttgart: Fischer, 1984 [1934].
- CHALHUB, S. **Funções da Linguagem**. São Paulo: Editora Ática, 1999.
- FERNANDES, J. D. C.; ALMEIDA, D. B. L. de. Revisitando os cartazes de Guerra. *In: Perspectiva em Análise visual do fotojornalismo ao Blog*. Editora universitária - UFPB, 2008.
- FUZER, C.; CABRAL, S. R. S. **Introdução à Gramática Sistêmico-Funcional em língua portuguesa**. 1ª. ed. Campinas, São Paulo: Mercado de Letras, 2014.
- GALVÃO, V. C. C. A noção de funções da linguagem: percurso teórico. *Signótica*, v. 2, p. 133-154, 2006.
- HALLIDAY, M. A. K. Functions of language *In: HALLIDAY, M. A. K.; HASAN, R. Language, context and text: aspects of language in a social-semiotic perspective*. Oxford: Oxford University Press, 1989.
- HALLIDAY, M. A. K.; MATTHIESSEN, C. M. I. M. **An introduction to functional grammar**. 3ª ed. Londres: Hodder Education, 2004.
- JAKOBSON, R. **Linguística e comunicação**. Tradução de Izidoro Blikstein. 22 ed. São Paulo: Cultrix, 1985.
- KRESS, G.; VAN LEEUWEN, T. **What is multimodality? Multimodal Discourse: The Modes and Media of Contemporary Communication**. London: Arnold, 2001.
- KRESS, G.; VAN LEEUWEN, T. **Reading images: The grammar of visual design**. London: Routledge, 2006.
- MARTELOTTA, M. E. Funções da Linguagem. *In: MARTELOTTA, M. E. (Org.). Manual de linguística*. São Paulo: Contexto, 2011.
- MARTINI, A.; CARGNIN, E. S. Estabelecendo um paralelo entre as funções de Jakobson e Halliday. *Memento*, v. 3, p. 73-83, 2012.
- MORRIS, D. **O macaco nu**. Tradução de Hermano Neves. São Paulo: Ed. Record, 1967.

NASCIMENTO, R.; BEZERRA, F.; HEBERLE, V. Multiletramentos: iniciação à análise de imagens. **Linguagem e Ensino**, Pelotas, 14, p. 529-552, 2011.

PIERCE, C. S. **Semiótica e filosofia**. Tradução de Octanny Silveira da Mota e Leonidas Hegenberg. São Paulo: Cultrix, 1975.

PIRES, V. L. Da semiosis de Saussure à poiesis de Jakobson: o sistema linguístico funda o processo poético. **Nonada: Letras em Revista**, v.1, p. 119-138, 2013.

Recebido em: 19 de outubro de 2020

Aceito em: 15 de março de 2021

Publicado em abril de 2022

---

Cláudia Regina Ponciano Fernandes  
E-mail: claudiaponcianoifpb@hotmail.com  
ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-2083-696X>

Keila Gabryelle Leal Aragão  
E-mail: gabryelleal@gmail.com  
ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-5054-9582>

---